

RESISTÊNCIA, IDENTIFICAÇÃO E MEMÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO-NORDESTINO.

Victor Matheus da Silva¹; Evandra Grigoletto²

¹Estudante do Curso de UFPE. Email: ²Docente/Pesquisador do Depto

Sumário: Neste projeto, verificamos, através do arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso de fundação pecheuxtiana (AD), como o sujeito-nordestino se representa e é representado pelo outro na internet, mais especificamente em redes sociais, blogs e comentários de notícias. Além da AD, relacionamos esse sujeito-nordestino com o conceito de herói exposto em Campbell (1999). Para a realização das análises, elegemos um corpus composto de discursos que foram publicados nas redes sociais, blogs e notícias a partir de 2014, tanto sobre o nordestino, como do sujeito-nordestino em espaços de opinião. Metodologicamente, então, partimos dos discursos publicados após o resultado da eleição presidencial, nos quais foi atribuída aos nordestinos a vitória da candidata do Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Rousseff. Nesses discursos, observamos o sentimento de ódio, revolta contra o povo nordestino, atribuindo o voto ao PT como um voto sem consciência, apenas em agradecimento pelos programas sociais. Em seguida, também refletimos sobre discursos que continuam a circular na mídia em 2015 que tem como efeito-fundador o resultado das eleições. Em seguida, também tratamos da relação dos sujeitos-nordestinos com os políticos pernambucanos, como, por exemplo, Eduardo Campos, e relacionamo-lo à figura do herói. Desse modo, para investigar, então, o funcionamento do discurso sobre/do sujeito-nordestino tomamos o evento das eleições presidenciais brasileiras de 2014 como um efeito-fundador, já que a partir dele muitas discursividades (re)começaram a circular na rede.

Palavras-chaves: Discurso; herói; voto

INTRODUÇÃO

Na mídia, na literatura e nas artes, os nordestinos são representados, na maioria das vezes, por eles mesmos ou pelo outro, como um sujeito forte e/ou sofredor, muitas vezes capaz de resistir à seca, mas também como aquele que foge dela, migrando para o sul/sudeste, à procura de melhores condições de vida. Eles são também vistos como bem-humorados, acolhedores, pouco escolarizados, etc. É sobre esse sujeito-nordestino que este projeto visa refletir, de modo a analisar o discurso do/sobre o nordestino através do arcabouço teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Essas representações do nordestino que o ligam à figura do sertanejo, do sofredor, seja em buscadores como o *google*, seja em textos impressos, imagens ou textos literários, apresentam uma regularidade de sentidos que cristaliza um imaginário sobre o que é ser nordestino. Na rede social, Facebook, por exemplo, existem perfis e grupos de nordestinos que discutem tal temática, se representando como heróis. Muitas vezes, seus discursos são dizeres já sedimentados socialmente, porém, outras vezes os sujeitos tentam modificar esse imaginário sobre o nordestino como povo sofrido, pouco instruído, assumindo, assim, um gesto de resistência a esses discursos. Dessa forma, considerando tais dizeres, esse projeto partiu dos seguintes questionamentos: Como a mídia e, em especial as redes sociais, tem representado o sujeito-nordestino? Como esse sujeito se representa e é representado pelo outro no discurso midiático? Sua imagem está sempre associada à pessoa sofredora ou com pouco estudo? Representa-se ou é representado como herói? O presente projeto se inscreve num projeto maior, intitulado **Identificação, memória e atualidade nos modos de constituição do**

“herói”¹, e refletiu sobre os processos identificatórios no discurso do e sobre o nordestino, procurando analisar como esses sujeitos se representam e são representados e se assumem uma posição de heróis. Além, também, de observar as possíveis atualizações de discursos outros e o papel da memória nos discursos atuais sobre o que é ser nordestino. Filiados à AD de linha francesa, fizemos um percurso de leituras que iniciam com os textos fundadores (PÊCHEUX, 1997[1969]; 2007[1971f] 1997[1975b]; 2009[1975c]; 1990[1982c] e 2002[1983f]), passamos também por teóricos brasileiros como Orlandi, (1993; 2012; 2013), Indursky (2008; 2011; 2013) a fim de refletir sobre discurso, sujeito, ideologia, resistência, memória, entre outras noções da teoria. Com esse referencial, também estabelecemos diálogos com outras leituras, como por exemplo a de Campbell (1999), para discutir a noção de Herói. A teoria que norteou nossa pesquisa, como já dissemos, foi a AD². Seu principal fundador foi Michel Pêcheux nos anos de 1960, enquanto os estudos da linguagem ainda estavam voltados ao estruturalismo, sobretudo o gerativismo. Pêcheux propôs uma forma diferente de analisar algumas questões deixadas de lado pelo corte saussureano, como a relação entre sujeito e sentido. Para observar essas noções, foi necessário deslocar o estudo para o discurso, entendido como *efeito de sentidos entre interlocutores* (PÊCHEUX, 1997), lugar de encontro da língua com a história, do sujeito com a ideologia, em que não se separam *estrutura e acontecimento* (PÊCHEUX, 2002). Pela/ através da ideologia é que os indivíduos tornam-se sujeitos, interpelados/assujeitados ideologicamente. No entanto, esse sujeito não se dá conta do seu assujeitamento, por pensar que é origem do seu dizer e que tem domínio/controla sobre o sentido produzido ao discursivizar³. Tal sujeito(do discurso) é atravessado pelo inconsciente, de origem psicanalítica, e a ideologia, de base marxista, é tomada como prática material que interpela o indivíduo em sujeito. Essa relação é possibilitada pela língua, a materialidade discursiva. Dessa maneira,

os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de *seu* discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes”. Especificamos também que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva⁴ que o domina. (PÊCHEUX, 2009, p. 198)

Essa identificação entre o sujeito enunciador (locutor) e a forma-sujeito da FD, que é o que regula *o que pode e deve ser dito*/inscrito na FD, resulta na noção de posição-sujeito, a qual pode ser observada a partir de três modalidades de identificação do sujeito com a formação discursiva (FD), as tomadas de posição. Quais sejam:

¹ Esse projeto é coordenado pela orientadora desta proposta de PIBIC, e recebe financiamento do CNPQ – processo 475893/2013-1.

² No Brasil, a AD começou a ser difundida e institucionalizada a partir dos anos de 1980, especialmente na UNICAMP, pela figura da professora Eni Orlandi. Desde então ela é amplamente trabalhada por diversos analistas em inúmeras instituições de ensino superior.

³ O sujeito produz seu discurso pelo funcionamento dos esquecimentos que Pêcheux (2009) propõe chamar esquecimento número 1 – que é a ilusão de que o sujeito é origem de seu dizer - e esquecimento número 2 – que consiste na ilusão de que há uma relação direta entre pensamento/linguagem/mundo e, dessa maneira, só podemos dizer algo com as palavras que utilizamos e não com outras diferentes. (Cf. ORLANDI, 2013, p. 35)

⁴ A noção de Formação Discursiva é definida em AD como “o que pode e deve ser dito” em uma determinada conjuntura. Assim, as palavras “ ‘mudam de sentido’ ao passar de uma *formação discursiva* para outra.” (PÊCHEUX, 2007, p. 26)

- A identificação plena (o bom sujeito): Há uma identificação plena entre o sujeito enunciador e o sujeito universal da formação discursiva, a forma-sujeito, havendo uma superposição entre eles. “o sujeito sofre cegamente essa determinação”. (Op cit, p.199)
- A contra-identificação (o mau sujeito): ocorre quando “o *sujeito da enunciação* ‘se volta’ contra o *sujeito universal*” (Idem, *ibidem*). Nessa tomada de posição, há um questionamento, distanciamento, com a formação discursiva que lhe é determinada pelo interdiscurso⁵ (Idem, *ibidem*.)
- A desidentificação: nesta tomada de posição, o sujeito desidentifica-se com a FD que estava inscrito para identificar-se com outra FD. Pêcheux diz que não há dessassujeitamento, pois não há “fim das ideologias” (Idem, *ibidem*.). É importante observar, como ressalta Indursky (2008, p. 14) que quando ocorre a desidentificação, não há desassujeitamento, liberdade total, já que a ideologia ainda domina o sujeito e, ao desidentificar-se, de forma inconsciente, já ocorreu uma identificação do sujeito com outro domínio de saber, isto é, com outra FD.

1.1 POSIÇÕES-SUJEITOS E MEMÓRIA

Ao refletir na não possibilidade de uma forma-sujeito homogênea e no apagamento do inconsciente nas tomadas de posição, pôde-se trabalhar com a noção de posições-sujeitos diferentes no discurso, uma vez que “levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les Vérités de La Palice*⁶.” (PÊCHEUX, op cit, p. 276) Essas falhas na interpelação do sujeito são os espaços em que pode ocorrer a resistência. Elas ocorrem na/pela língua, através das “quebras de rituais”, pelo “questionamento de uma ordem”, etc. (PÊCHEUX, 1990, p.17) Para tanto, são necessárias duas coisas: “ousar se revoltar” e “ousar pensar por si mesmo” (PÊCHEUX, 2009, p.281). Além das resistências ocorrerem na/pela língua, a memória também irrompe no fio do discurso. Sobre essa noção, Indursky (2011, p. 68) diz que a memória sempre esteve presente no quadro teórico da análise do discurso, porém através de outras designações, como repetição, pré-construído, discursos transversos, interdiscurso, sendo elas maneiras diferentes da memória se materializar discursivamente.

Na reflexão acerca da memória, a repetibilidade é uma noção fundante pois

permite observar que os saberes pré-existem ao discurso do sujeito: quando este toma da palavra e formula seu discurso, o faz sob a ilusão de que ele é a fonte de seu dizer e, assim procedendo, ele funciona sob o efeito do esquecimento de que os discursos pré-existem (Pêcheux e Fuchs 1975 [1990, p. 172-176]), que foram formulados em outro lugar e por outro sujeito, e que ele os retoma, sem disso ter consciência. E, desta forma, encontramos uma característica essencial da noção de *memória* tal como ela é convocada pela AD: o sujeito, ao produzir seu discurso, o realiza sob o regime de repetibilidade, mas o faz afetado pelo esquecimento, na crença de ser a origem daquele saber. Por conseguinte, a memória de que se ocupa a AD não é de natureza cognitiva, nem psicologizante. A memória, neste domínio de conhecimento, é social. E é a noção de regularização que dá conta desta memória. Assim, chegamos às primeiras reflexões em torno de memória: se há repetição é porque há retomada/ regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do

⁵Na AD, interdiscurso é onde se encontram/circulam todos os dizeres que já foram ditos, porém, esquecidos. É também o lugar da saturação, do *non-sens*. Não se deve confundir o interdiscurso com a memória discursiva, pois “A memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é esburacada, lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD.” (INDURSKY, 2011, p. 87-88)

⁶*Les Vérités de la Palice* é o título de um importante livro de Pêcheux, publicado em 1975, traduzido para o português como *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio* por Eni Orlandi et al.

não-sabido. São discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados. (INDURSKY, 2011, p. 70 – 71)

Portanto, a memória se materializa no discurso através dos esquecimentos, uma vez que os sujeitos não se dão conta de que seus dizeres já foram produzidos em outro lugar e por outro sujeito. É o mecanismo da repetibilidade. Vale ressaltar que a repetição não consiste em apenas repetir todas as palavras tal como já foram ditas, mas também através das paráfrases, as quais, por sua vez, podem produzir deslocamentos, ressignificações dos sentidos. E tais deslocamentos podem resultar em gestos de resistência do sujeito do discurso, o que instaura diferentes relações do sujeito com os saberes da FD na qual ele inscreve o seu dizer, o que produz outras/novas posições-sujeito. Então, deslocar com os sentidos cristalizados, assumir uma posição de resistência pode configurar a imagem do herói, tal como apresentada por Campbell (1999). Para este teórico, o herói é o homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas, sendo um “homem da submissão autoconquistada”, que “vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes”. (CAMPBELL, 1999, p. 26). Observaremos essas posições-sujeitos que surgem nos dizeres do/sobre o nordestino durante nossas análises, que serão apresentadas no item resultados e discussões. Antes, apresentamos nossos objetivos e os procedimentos metodológicos.

OBJETIVOS

De maneira geral, realizamos, através dessa pesquisa, uma reflexão sobre os sentidos acerca de “ser nordestino” atualmente e questionamo-nos sobre as formas de subjetivação na rede. Ao pesquisar esse tema, visamos também contribuir para o campo dos estudos da linguagem, de modo que os usuários da língua reflitam sobre a não transparência da linguagem, o papel da mídia na produção de discursos e percebam como propõe a AD, que sujeito e sentido se constituem mutuamente. Portanto, através do arcabouço dessa teoria, propomo-nos a desconstruir essas evidências do sentido e seus modos de produção na língua. Como já dito, muitas discursividades (re)começaram a circular na rede a partir do evento das eleições presidenciais brasileiras de 2014. Desse modo, em síntese, nossos objetivos foram, a partir desse efeito-fundador:

- Analisar as formas como o sujeito-nordestino se representa e é representado nos discursos que circulam na mídia, em especial nas redes sociais;
- Identificar a que imagens está associada a figura do sujeito-nordestino, ao se representar e/ou ser representado nesses discursos, observando aí o papel da memória na constituição desses sujeitos e sentidos;
- Refletir sobre a relação entre alteridade e identificação, a partir da temática do nordestino, observando se esse sujeito se constitui ou é representado como um herói e se assume uma posição de resistência.

METODOLOGIA DO TRABALHO

Para a seleção do corpus, primeiramente, formamos o arquivo empírico (coleta de discursos que tematizaram a questão do resultado das eleições, com foco para a responsabilidade dos nordestinos pela reeleição de Dilma Rousseff) e, a partir dele, selecionamos sequências discursivas mais representativas das regularidades encontradas nesses discursos, a fim de analisar o funcionamento das noções discutidas nessa pesquisa. Depois da construção desse arquivo, foi realizada a identificação e seleção de sequências discursivas (SDs) mais significativas para responder aos nossos questionamentos. A seguir, procedemos a construção

de uma metodologia de análise das sequências já selecionadas, pautadas pela perspectiva da AD, com vista às discussões teóricas e sua aplicação ao *corpus* coletado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pela memória, elementos do interdiscurso são linearizados no discurso através da repetição. Por esse funcionamento discursivo, os sentidos podem ser sedimentados, mas também pode ocorrer a deriva, a resistência. Para analisarmos como funcionam a resistência e a memória no discurso do/sobre o sujeito-nordestino, partiremos agora, para uma breve análise do nosso *corpus* de pesquisa:

SD1⁷:



Nordestinos sofrem preconceito na internet após vitória de Dilma:
<http://migre.me/muBHt>

SD2: R.N. E ainda há nordestinos que adoram valorizar OUTRAS CULTURAS! Eu moro no RJ e nunca abandonei as cores do Leão do Norte. Salve Pernambuco! Salve meu Nordeste!

SD3: M. M: .Engraçado fala mal do Nordeste mas trabalho o ano todo pra junta dinheiro pra vim gasta aqui no nordeste, en quanto nós nordestino juntamos dinheiro pra conhecer a Europa os Estados Unidos, e agora quem e o burro da história ha temos água bastante pra mata a sede de vcs paulista babacas q so fala merda somos 13 sim.

SD4: C. M. Nordestino cangaceiro com muito orgulho

⁷ Disponível em 17/12/14 no seguinte link:

<https://www.facebook.com/jornaldocomercioPE/photos/a.305127089503462.95103.196984146984424/988397231176441/?type=1>

Em SD1, temos um texto extraído do Twitter e publicado na página do Jornal do Comércio no Facebook. Tal matéria foi intitulada “**Nordestinos sofrem preconceito na internet após vitória de Dilma**”. Diremos, por questões metodológicas, que esses discursos contra os nordestinos estão inscritos na FD do preconceito aos nordestinos. Inserindo seu dizer nesse domínio de saberes, esse sujeito, poucos minutos após o resultado das eleições, discursiviza sua insatisfação com a vitória da candidata do partido dos trabalhadores (PT) e culpa os nordestinos pelo resultado, chamando-os de “cangaceiro nordestino fdp”. Ao atribuir essa designação ao povo nordestino, a internauta paulista - que teve seu comentário recortado do twitter para ilustrar a matéria do Jornal do Comércio que tematizava a questão do preconceito sofrido pelos nordestinos após a eleição de Dilma - generaliza e caracteriza todos os nordestinos como cangaceiros. Com isso, lineariza em seu discurso a memória da figura do cangaceiro⁸, figura contraditória relacionada à história do Nordeste, generalizando um povo em torno de uma designação. Nesse caso, o sentido de cangaceiro remete ao efeito negativo, o do bandido. Então, além de chamar os nordestinos de bandidos, xinga-os de filho da puta, *fdp*, e os “ameaça” de morte. Tal revolta é motivada pela ideia de que o povo dessa região foi responsável pela decisão nas urnas. Muitos discursos semelhantes a esses foram comuns e não ditos apenas por moradores do Sul e Sudeste, mas também por alguns nordestinos, eleitores do candidato do Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB), o que demonstra que há uma generalização/homogeneização em torno de algo que é extremamente heterogêneo, contraditório. Dá-se ênfase a um sentido, apagando as possibilidades de outros sentidos.

Essas matérias, em grande parte, sugeriam que os xingamentos, preconceitos etc, poderiam ser denunciados, porém, nos comentários, houve diferentes formas de identificações, resistências, mostrando o atravessamento da memória nas discursividades que daí emergiram, como nos mostram as SDs 2, 3 e 4, que responderam/comentaram a matéria de SD1.

R.N., na SD2, critica quem valoriza outras culturas, pois, para ele, se deve valorizar a própria cultura, mesmo morando em outro Estado. Dessa maneira, o sujeito assume aqui uma posição de resistência aos discursos contra os nordestinos, não abandonando sua cultura e nem “as cores do Leão do Norte”. Além da resistência, aqui há uma identificação com a FD do orgulho de ser nordestino, que emerge nessas discursividades via memória, pois, no discurso, é regularizado a memória de que Pernambuco é conhecido como Leão do Norte⁹ por suas lutas históricas.

Em SD3, o sujeito também se inscreve na FD do orgulho de ser nordestino, mas assumindo uma posição-sujeito distinta da anterior, pois as ofensas são combatidas com novas ofensas. Dessa SD, podemos mobilizar as seguintes paráfrases:

1. Os sulistas falam mal do Nordeste, porém passam suas férias nessa região.
2. Os Nordestinos não viajam para o Sul e Sudeste, e sim passam suas férias na Europa ou nos Estados Unidos.
3. Portanto, não são os nordestinos que são pouco inteligentes. São os sulistas.
4. Atualmente não é mais o Nordeste que sofre com a falta de água, mas São Paulo.

⁸ A figura do cangaceiro é recorrente na história da região Nordeste. Esses grupos de homens andavam armados em bandos pelo sertão nordestino, exercendo suas próprias leis, saqueando uns, ajudando outros no início do século XX (cf. <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/cangaco.htm>). O imaginário sobre o que foi o cangaço ainda hoje é recorrente, sendo o cangaceiro herói para uns; bandido para outros.

⁹ Das muitas batalhas travadas em Pernambuco em favor da liberdade e independência, podemos citar a Batalha dos Guararapes, as revoluções dos Mascates, Praieira e a de 1817, além da Confederação do Equador. “A origem vem do brasão das armas do donatário Duarte Coelho Pereira, no século XVI, no qual figurava em sua heráldica a estampa ativa de um leão.” Tal leão representa a bravura do povo pernambucano, estando presente no Brasão do Estado de Pernambuco. (Fonte: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=115> em 03/01/15)

5. Somos todos petistas.

Os sentidos relacionados com a paráfrase 1 foram bastante recorrentes, juntamente com imagens das paisagens nordestinas. Para os sujeitos-nordestinos, é contraditório falar tão mal do Nordeste, quando esses passam as férias nessa região. Associado a 1, estão 2 e 3, pois, para esse sujeito, os nordestinos não fazem o inverso que os paulistas, mas vão para outros lugares supostamente melhores: Estados Unidos ou Europa, portanto, são eles os “burros” agora, revelando no discurso a relação de superioridade que esses sujeitos sentem em relação aos sulistas. Nesse enunciado, surgem os não ditos: “Seria burrice passar as férias em uma região ou na outra?”

Há, na FD do orgulho nordestino, uma imagem recorrente do nordeste como paraíso tropical, cheio de pontos turísticos, praias bonitas, etc. Mas também a necessidade de resistir ao dizer que “nordestinos são burros”.

No item 5, há a generalização “somos 13”, como se todos os nordestinos se identificassem como eleitores de Dilma. Apesar do percentual de quase 80% de votos no PT nas regiões Norte e Nordeste, podemos identificar contradições inerentes aos discursos, já que o número de votos individuais na candidata Dilma Rousseff foi superior no sul e sudeste, o que não justifica a acusação dos eleitores do Sul e Sudeste de que o povo foi responsável por reeleger a candidata do PT. Isso nos mostra que “a falha, a fissura, o deslizamento não são índices negativos, são lugar de resistência, lugar do impossível (nem tão impossível) e do não-sentido (que faz sentido)” (FERREIRA, 2000, p. 24). Da mesma maneira que há nesses discursos uma resistência ao preconceito do nordestino, há também uma resistência aos discursos que justificam a vitória do PT pelos votos dos nordestinos e nortistas, que estariam agradecendo ou com medo dos cortes nos benefícios sociais.

Para Indursky (2013, p. 99), a resistência se manifesta discursivamente, “na nova formulação, pela não-repetição exata da litania”, ao repetir de “modo errado”, produzindo um ‘desvio’”. Portanto, a deriva que ocorre no mecanismo da repetibilidade “não implica esquecimento nem apagamento, pois os sentidos com os quais houve desidentificação continuam a ressoar desde o interdiscurso juntamente com os novos sentidos.” (Idem, p. 101) Na SD4, o sujeito se identifica com um imaginário, que se materializa no fio do discurso, do nordestino como cangaceiro, e declara que tem muito orgulho disso. É interessante notar que naquele discurso sobre o nordestino (SD1) tal figura tem sentido negativo, remete ao efeito de bandido e, no discurso do nordestino, ser cangaceiro é motivo de orgulho, logo remete a sentido positivo, de um herói. Ou seja, há uma identificação com a designação *cangaceiro*, mas não com o sentido de ser cangaceiro que se produz em SD1, pois esses discursos se inscrevem em FDs diferentes.¹⁰ Através da memória, esses discursos são linearizados no fio do discurso, mas de formas diferentes, de acordo com a posição do sujeito e com a sua filiação a uma FD, via interdiscurso. De acordo com Indursky,

Os sentidos, à força de se repetirem, podem acabar por se modificar, de modo que as *redes discursivas de formulação*, formada a partir de um regime de repetibilidade, vão recebendo novas formulações que, ao mesmo tempo em que vão se reunindo às já existentes, vão atualizando as redes de memória. Tais formulações podem trazer o mesmo sentido e, nesse caso, produzem uma *relação de metáfora* em que *uma palavra é tomada pela outra, mas produzindo o mesmo sentido*, tal como ocorre em uma família parafrástica que funciona como uma *matriz de sentido*. [...] Vale dizer: se, por um lado, a repetição é responsável pela cristalização dos sentidos, por outro, também é a repetição que responde por sua movimentação/alteração. Ou seja, os

¹⁰ Nesse sentido, podemos lembrar que, na AD, as palavras podem mudar de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra.

sentidos se movem ao serem produzidos a partir de outra posição-sujeito ou de outra matriz de sentido. (INDURSKY, 2011, p. 77)

Portanto, através da repetibilidade, a matriz de sentido é parafraseada, e novas formulações vão sendo discursivizadas, podendo deslizar e o sentido torna-se outro. Assim, esse funcionamento discursivo, a repetição, tanto pode ser responsável pela sedimentação dos sentidos ou por seu deslocamento. Nesse momento, é onde há um espaço para o sujeito se contra/des/identificar com um sentido ou outro e produzir seu dizer de acordo com a posição-sujeito que ele representa no discurso.

A partir desse mesmo efeito-fundador, obtivemos outras notícias, em que alguns sentidos foram recorrentes:

SD5¹¹: Filho de Campos diz que NE não deve se envergonhar

Filho de Campos diz que NE não deve se envergonhar

[...]

Pernambuco 247 - Um dos filhos do ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos, Pedro Campos utilizou a sua conta pessoal no Instagram para dizer que os nordestinos não devem se envergonhar por terem ajudado a reeleger a presidente Dilma Rousseff, a quem desejou boa sorte em seu segundo mandato.

"Torcemos para que Dilma mude mais e faça um governo novo com idéias novas. Quanto ao Nordeste e a Pernambuco não vamos nunca ter vergonha, nosso povo só mostrou mais uma vez que é livre e, acima de tudo, é grato", postou. "A gratidão elegeu Paulo por tudo que meu pai fez por esse estado, e agora a gratidão ao Presidente Lula, que virou o Brasil de frente para o Nordeste, levou à vitória de Dilma. O tempo dirá se a escolha foi certa, só sabemos hoje que ela é soberana e representa a vontade do povo brasileiro", completou.

O PSB, assim como a família Campos, apoiou a candidatura de Aécio Neves (PSDB) no segundo turno da disputa presidencial.

SD6: E.: *Se o PSDB nunca olhou pelo Norte-Nordeste, pode ter certeza q ã foi o único partido a fazer isso. Além disso, os tempos são outros, e as coisas mudam e as pessoas tb! Eu sou da região norte e sempre detestei o PSDB, mas votei no Aécio pq acredito q ele teria muito mais a oferecer do q a dilma, sem contar q o PT já tá um tempão no poder. E isso ã é bom para uma democracia, pois o partido se acomoda e passa a roubar cada vez mais.*

SD7: J.: *sou nortista do amazonas nao me envergonho por isso e eleger a dilma mostra que o norte e nordeste tem muita força para eleger uma presidenta*

SD8: C. C.: *A única vergonha foi a traiçagem do pai e estórias de jatinhos e propinas que pelo jeito vão passar por um esquecimento com o tempo. Além do mais, as outras regiões do país deram mais voto a Dilma que o norte e nordeste. Essa conversa absurda de preconceito que parte do sul provém de uma minoria que não representa ninguém de forma expressiva. São apenas uns recalçados que não souberam aceitar a derrota. Parece que são muitos mas é*

¹¹ Link <http://www.brasil247.com/pt/247/pernambuco247/158507/Filho-de-Campos-diz-que-NE-n%C3%A3o-deve-se-envergonhar.htm> disponível em 17/12/14, postada em 27 de Outubro de 2014 às 18:48.

apenas um reflexo da força que a net tem. Discurso de ódio é pra imbecis, e estes nascem em todo o lugar do Brasil.

A matéria que compõe a SD5 foi divulgada em alguns sites de notícias, publicada um dia após as eleições, em resposta ao ataque aos nordestinos nas redes sociais. Eduardo Campos foi ex-governador de Pernambuco e candidato a presidente. Morreu em um acidente aéreo em pleno período de campanha (agosto de 2014) e, após sua morte, foi alçado à figura de herói, tanto pela mídia, como por seus eleitores. A voz do filho dele é trazida como autoridade para dizer que o povo do nordeste e, em especial os pernambucanos, não devem sentir vergonha por Dilma ter sido eleita, pois foi um voto de gratidão a Lula, assim como foi para o atual governador de Pernambuco, Paulo Câmara, em gratidão ao seu pai, Eduardo Campos. Assim, o jovem deseja que o governo da presidenta seja eficiente. Vale ressaltar que, para o segundo turno, o partido socialista brasileiro (PSB) apoiou a candidatura de Aécio Neves (PSDB), o que gerou várias contradições e rachas no interior do partido socialista, envolvendo também outros parentes do falecido ex-governador.

No discurso do filho de Campos, é trazida a memória de dois nordestinos vistos como heróis: Lula (ex-presidente) e Eduardo Campos (ex-governador) que, por seus feitos ao Nordeste e a Pernambuco, elegeram a atual presidenta e o governador de Pernambuco. Foram votos de *agradecimento* que expressaram *a vontade do povo brasileiro*, que deve ser respeitada. A contradição está presente nesse dizer pelo fato de que a família Campos apoiou Paulo Câmara (governador eleito de PE) e não apoiou Dilma, porém todos os dois votos estão devidamente justificados pelas ações de seus ex-representantes. Sobre esses discursos, encontramos as supracitadas filiações de sentidos (SD6, SD7, SD8, SD9) através dos comentários da matéria.

Em SD6, o sujeito produz o seu discurso se contra-identificando com a ideia de que o PT é a melhor opção para o Norte e Nordeste; coloca-se na posição de sujeito nortista dizendo que, apesar do PSDB nunca ter olhado para o Norte-Nordeste, no momento, é o mais viável, pois o PT está há muito tempo no poder e tem muitos escândalos envolvendo políticos desse partido. Tal sujeito ocupa uma posição-sujeito distinta das já apresentadas, se contra-identificando com os sentidos da FD do orgulho nordestino.

Na SD7, o nortista J. se identifica com o dizer de que algumas regiões foram essenciais na disputa presidencial e, de maneira alguma, sente-se envergonhado; ao contrário, para ele, o norte e o nordeste tem força para eleger uma presidenta. Assim como J., o sujeito da SD8, também não se sentia envergonhado pelo resultado das eleições, mas outros saberes foram mobilizados em seu discurso, de modo a produzir a contra-identificação com os sentidos que elevavam Eduardo Campos à posição de herói.

C.C.: em SD8, resiste ao sentido que promove Campos, inserindo no seu discurso novos dizeres sobre possíveis improbabilidades políticas do ex-governador, como o caso do jatinho. Mas também se contra-identifica à ideia de que norte e nordeste são responsáveis pela vitória de Dilma. Nesse discurso, o sujeito também diz que o preconceito dos sulistas representa uma pequena parcela dos que não souberam aceitar a derrota do seu candidato e esses discursos de ódios estão presentes em todas as regiões. Assim, ao produzir esse comentário, o sujeito se contra-identifica com alguns saberes e também assume uma posição de resistência à imagem de Eduardo Campos como herói, pelas acusações de mal administração do dinheiro público que surgiram após sua morte. Vejamos, em SD9, um outro exemplo de comentário acerca das declarações do filho e Eduardo Campos.

SD9.: G. S.: *vergonha devem ter ele, seus irmão e sua mãe, pela maledicência de envergonhar a história do grande miguel arraes, e que agora fica provado que o próprio filho eduardo, não honrou a história do grande líder pernambucano, nem os seus*

descendente, maculando de foram irresponsável a sua trajetória de lutas destemor e dignidade, o que o eduardo demonstrou não ter. processado, está, em diversos inquéritos em andamento na polícia federal, por roubo e desvio de dinheiro público . logo, logo, será desmascarado o senhor eduardo campos. na família arraes, salvo melhor juízo só se salva a vereadora em recife, marília. com esse resultado, emerge uma nova líder no psb: a vereadora recifense marília arraes. também neta do ex-governador miguel arraes, que passa a ser respeitada como a legítima sucessora do trabalho do grande líder miguel arraes. e bate o bombo!

A sequência acima - SD9- foi extraída de um comentário em um site de notícias que destacava o orgulho que o filho, Pedro Campos, sentia pelo seu pai já falecido, Eduardo. Nessa SD, o sujeito produz seu discurso inserido na FD do orgulho nordestino e identifica-se com essa forma sujeito. No entanto, em todo o comentário, podemos perceber, através das materialidades linguísticas, processos que deixam evidentes a aversão de G.S ao ex-governador de Pernambuco, como por exemplo, quando destaca a desonra causada por Eduardo Campos – incluindo todos os seus familiares, exceto seu avô Miguel Arraes- para a história do estado.

Apesar dessa identificação com o estado de Pernambuco e, nesse caso, como consequência, pela região Nordeste, nota-se um movimento de contra-identificação com a ideia central trazida pela reportagem - Filho de Campos diz que NE não deve se envergonhar de que o filho de Eduardo Campos, Pedro Campos, não deveria se envergonhar da carreira política de seu pai.

Desse modo não há, de fato, um processo de desidentificação com a FD do orgulho de ser nordestino, mas movimentos de contra-identificação. Ao mesmo tempo, esse internauta se identifica com a figura de Miguel Arraes, mas se contra/desidentifica com Eduardo Campos, apesar de ambos serem parentes. Assim, o sujeito nega o status de herói atribuído a Eduardo Campos, mas, ao atualizar os vestígios da memória, identifica-se com a neta de Arraes, Marília, que também exerce cargos políticos e é, atualmente, vereadora no Recife.

5. CONCLUSÕES

Esses discursos sobre os nordestinos, que funcionam também como discurso sobre o nordestino, em torno do cenário político da região trazem a memória de que o Nordeste foi anteriormente esquecido pelos políticos, mas que atualmente a região avançou bastante e foram políticos como Luís Inácio Lula da Silva e Eduardo Campos que favoreceram, nos dizeres de alguns sujeitos, esse crescimento, sendo eles de origens sociais diferentes, mas vistos como heróis para uns e vilões para outros.

Na relação entre sujeito e ideologia, Orlandi (2012, p. 230) reflete sobre a resistência, olhando-a a partir de suas vinculações tanto com a forma-sujeito-histórica quanto com a identificação do sujeito com uma FD, para afirmar que é justamente quando “o sujeito individua(liz)ado se identifica que pode haver ruptura”. A resistência emerge, então, nas falhas do ritual, mas a ideologia não cessa de operar e é por isso que a Pêcheux (2011, p. 114) interessa a “luta de deslocamento ideológica”, ou seja, essa possibilidade de pensar, a partir do funcionamento da ideologia, que ela é antes de tudo um local de “resistência múltipla. Um local no qual surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções.” (*Idem*, p. 115)

Nessas análises, observamos que, a partir de um efeito-fundador, várias discursividades podem surgir, e os sujeitos mobilizam esses dizeres de formas diferentes, de

acordo com sua posição-sujeito e sua vinculação à forma-sujeito histórica que regula *o que pode e deve ser dito* na FD. Assim, a imagem do nordestino como herói também se materializa no discurso pela memória, mas é discursivizada de maneiras diferentes pelo sujeito em seu discurso, podendo, através da repetição, ter seu sentido cristalizado ou deslocado, como um gesto de resistência. A resistência ocorre nesses deslizamentos de sentidos pela falha no ritual da interpelação ideológica, via contra/desidentificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1999.

FERREIRA, M. C. L. *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E.A. (Orgs). *Práticas Discursivas e Identitárias*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

_____. A memória na cena do discurso. In: Indursky, F.; Mittmann, S.; Ferreira, M.C.L. (orgs.) *Memória e História na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

_____. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. in *Signo y Señá*, número 24, dezembro de 2013, p. 91-104

MALDIDIER, D. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI e SARGENTINI (orgs.) *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

ORLANDI, E. Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito. In: _____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012, p. 213-234. _____.

_____. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 11ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

_____. (org.) *Discurso fundador*. Campinas, SP: Pontes, 1993.
PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET & HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux. In: GADET & HAK (Orgs) *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2009..

_____. (1982) Delimitações, inversões, deslocamentos. Trad. brasileira de José Horta Nunes. *Cad. Est. Ling.*, nº 19, Campinas, jul./dez, 1990, p. 7 - 24.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3 ed. Tradução: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *A Semântica e o Corte Saussuriano: língua, linguagem, discurso*. In: BARONAS, R.L. *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2007.

DIFICULDADES ENCONTRADAS

Ao longo do projeto, não foram encontradas dificuldades, pois o departamento de Letras da UFPE dispôs dos materiais necessários para a pesquisa, tais como computador com acesso à internet.

ATIVIDADES PARALELAS DESENVOLVIDAS PELO ALUNO

- Participação em projeto de extensão intitulado *Abrir um livro, abrir o mundo: biblioteca, um patrimônio de todos*, coordenado pela Prof^a Dr^a Imara Bemfica Mineiro, promovido pela UFPE
- Participação em Mini-Curso intitulado: *Fonética laboratorial aplicada ao ensino de línguas*, ministrado pelo Prof^o Dr^o Vicente Masip e promovido pelo PET – Letras – UFPE

Data e assinatura do orientador

Data e assinatura do aluno